



A ENFERMAGEM E OS CUIDADOS PALIATIVOS EM AMBIENTE HOSPITALAR: REVISÃO DE LITERATURA

NURSING AND PALLIATIVE CARE IN THE HOSPITAL SETTING: A LITERATURE REVIEW

LA ENFERMERÍA Y LOS CUIDADOS PALIATIVOS EN EL ENTORNO HOSPITALARIO: REVISIÓN DE LITERATURA

Nádia Barboza Santana de Almeida ¹
Andreia Aparecida Henriques Carvalho ²

RESUMO

O presente estudo revisita a importância da enfermagem no contexto hospitalar, com foco nos cuidados paliativos (CP), abordando tanto a prática quanto as lacunas existentes na formação dos profissionais da área. A pesquisa objetiva compreender as especificidades e desafios enfrentados pelos enfermeiros no manejo de pacientes em situações críticas, destacando a relevância do cuidado humanizado e integrado, que inclui aspectos emocionais, sociais e espirituais. Adotando uma metodologia qualitativa, baseada em revisão de literatura, o estudo utiliza descritores como “pacientes”, “cuidados paliativos” e “ambiente hospitalar” para compilar publicações científicas recentes, priorizando aquelas revisadas por pares entre 2021 e 2024, o que permite um panorama atualizado das práticas e dificuldades no campo. Os resultados evidenciam lacunas significativas na formação dos profissionais, barreiras culturais e estruturais no ambiente hospitalar e a centralidade do papel da enfermagem em garantir qualidade e dignidade ao cuidado. Este trabalho busca contribuir com o avanço da discussão sobre o papel essencial da enfermagem no fortalecimento dos CP em hospitais, apontando caminhos para a humanização e eficiência dos serviços. Além disso, reforça a necessidade de políticas públicas mais abrangentes e de iniciativas que promovam a formação continuada dos profissionais, visando uma assistência que alinhe práticas técnico-científicas às necessidades humanizadas dos pacientes em condições paliativas.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos. Enfermagem. Ambiente Hospitalar. Cuidado Humanizado. Saúde Pública.

ABSTRACT

This study revisits the importance of nursing in the hospital setting, focusing on palliative care (PC) and addressing both practice and the gaps in professional training within the field. The research aims to understand the specificities and challenges faced by nurses in managing critically ill patients, emphasizing the relevance of humanized and integrated care, which includes emotional, social, and spiritual aspects. Adopting a qualitative methodology based on a literature review, the study employs descriptors such as “patients,” “palliative care,” and

¹ Mestre em Saúde Coletiva e Enfermeira Assistencial da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: nanyzinhab@hotmail.com

² Mestre em Saúde Coletiva e Enfermeira Assistencial da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: dedeiacarvalho2005@yahoo.com.br



“hospital setting” to compile recent scientific publications, prioritizing peer-reviewed studies from 2021 to 2024, thereby providing an updated overview of practices and challenges in the field. The findings reveal significant gaps in professional training, cultural and structural barriers in the hospital environment, and the centrality of nursing in ensuring quality and dignity in care. This work seeks to contribute to advancing the discussion on the essential role of nursing in strengthening PC in hospitals, highlighting pathways for the humanization and efficiency of services. Furthermore, it underscores the need for more comprehensive public policies and initiatives that promote continuous professional development, aiming to align technical and scientific practices with the humanized needs of patients in palliative care.

Keywords: Palliative Care. Nursing. Hospital Setting. Humanized Care. Public health.

RESUMEN

Este estudio revisita la importancia de la enfermería en el ámbito hospitalario, centrándose en los cuidados paliativos (CP) y abordando tanto la práctica como las lagunas existentes en la formación de los profesionales del área. La investigación tiene como objetivo comprender las especificidades y desafíos que enfrentan los enfermeros en el manejo de pacientes en situaciones críticas, destacando la relevancia de un cuidado humanizado e integrado, que incluya aspectos emocionales, sociales y espirituales. Adoptando una metodología cualitativa basada en una revisión de literatura, el estudio utiliza descriptores como “pacientes”, “cuidados paliativos” y “ámbito hospitalario” para recopilar publicaciones científicas recientes, priorizando aquellas revisadas por pares entre 2021 y 2024, lo que proporciona un panorama actualizado de las prácticas y dificultades en el campo. Los resultados evidencian lagunas significativas en la formación de los profesionales, barreras culturales y estructurales en el entorno hospitalario y la centralidad del papel de la enfermería en garantizar la calidad y dignidad en el cuidado. Este trabajo busca contribuir al avance de la discusión sobre el papel esencial de la enfermería en el fortalecimiento de los CP en los hospitales, señalando caminos hacia la humanización y la eficiencia de los servicios. Además, refuerza la necesidad de políticas públicas más integrales y de iniciativas que promuevan la formación continua de los profesionales, con el objetivo de alinear las prácticas técnico-científicas con las necesidades humanizadas de los pacientes en condiciones paliativas.

Palabras clave: Cuidados Paliativos. Enfermería. Entorno Hospitalario. Cuidado Humanizado. Salud Pública.

INTRODUÇÃO

O cuidado paliativo é, conforme Oliveira (2022), uma abordagem multidimensional voltada para a melhoria da qualidade de vida de pacientes com doenças graves, progressivas e incuráveis, bem como de seus familiares. Seu objetivo principal é prevenir e aliviar o sofrimento, integrando os aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais do cuidado. Nesse contexto, a enfermagem desempenha um papel central, dado que está diretamente envolvida na



assistência contínua e no acolhimento às demandas dos pacientes em todos os estágios da atenção paliativa.

Nas últimas décadas, prossegue a mesma autora (2022), o cuidado paliativo vem ganhando crescente reconhecimento global como um componente essencial da assistência à saúde, particularmente em ambientes hospitalares. Essa modalidade de cuidado é especialmente relevante diante do aumento da expectativa de vida e da prevalência de doenças crônicas e degenerativas, que frequentemente requerem atenção especializada e humanizada. No Brasil, o desenvolvimento dessa área ainda enfrenta desafios relacionados à sua implementação, formação profissional e adequação às demandas do sistema de saúde.

Dentro desse panorama, informam Zack e Machineski (2024), a enfermagem emerge como um dos pilares fundamentais para o sucesso do manejo de pacientes em cuidados paliativos. A atuação dos enfermeiros vai além do manejo clínico, abrangendo práticas como a comunicação empática, a promoção da autonomia do paciente e o suporte às famílias, que são indispensáveis para garantir uma assistência integral e humanizada. Assim, compreender o papel da enfermagem no âmbito hospitalar em relação a esses cuidados é essencial para qualificar o atendimento e para formular políticas de saúde adequadas.

O objetivo deste artigo é analisar, por meio de uma revisão de literatura, o papel da enfermagem no manejo de pacientes em cuidados paliativos em âmbito hospitalar, buscando compreender as especificidades e os desafios dessa atuação.

A relevância do tema reside na necessidade de qualificar o atendimento paliativo em hospitais, um cenário em que a enfermagem está na linha de frente. Considerando o aumento da demanda por esse tipo de cuidado, é essencial aprofundar a discussão sobre a formação, competências e práticas desses profissionais, para que possam oferecer assistência de qualidade. Além disso, a pesquisa visa colaborar com o desenvolvimento de estratégias que fortaleçam a enfermagem no cuidado paliativo, ampliando a eficácia e a humanização do atendimento.

Outra justificativa para este estudo é a escassez de literatura específica sobre o papel da enfermagem em cuidados paliativos no Brasil. Apesar da crescente conscientização sobre a importância desse cuidado, ainda são poucas as pesquisas que abordam detalhadamente a atuação do enfermeiro nesse contexto, especialmente em nível hospitalar. Esse estudo, portanto, busca contribuir para o avanço do conhecimento na área e para o embasamento de futuras políticas públicas e iniciativas de formação profissional.



Este artigo está estruturado da seguinte forma: no referencial teórico, discute-se o conceito de cuidado paliativo, apresentando seus aspectos históricos, sua aplicação no mundo e sua trajetória no Brasil, incluindo legislação e regulamentação. Na sequência, a metodologia é apresentada, esclarecendo os métodos utilizados para a realização da revisão de literatura. Por fim, são discutidos os resultados da análise, proporcionando reflexões sobre o papel da enfermagem no manejo de pacientes em cuidados paliativos no contexto hospitalar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial teórico aborda, primeiramente, a ideia de cuidado paliativo. Posteriormente, faz-se um breve recorrido histórico acerca do tema, destacando alguns aspectos de sua regulamentação no Brasil e no mundo.

O conceito de Cuidado Paliativo

Os cuidados paliativos (CP) representam uma abordagem integrada e abrangente destinada a melhorar a qualidade de vida de pacientes e seus familiares diante de doenças graves que ameaçam a continuidade da vida. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), os CP buscam prevenir e aliviar o sofrimento por meio da identificação precoce, avaliação precisa e manejo de aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais.

Historicamente, os CP têm origem na tradição dos hospices, abrigos que acolhiam peregrinos e doentes na Europa cristã durante a Idade Média (Pessini, 2006). Esse conceito evoluiu significativamente ao longo do tempo, culminando na moderna abordagem iniciada por Dame Cicely Saunders em 1967, com a fundação do St. Christopher's Hospice, que combinava assistência, ensino e pesquisa.

No contexto hospitalar, os CP não se limitam ao manejo da terminalidade, mas abrangem cuidados desde o diagnóstico de doenças potencialmente fatais. O modelo atual preconiza uma atuação multidisciplinar, envolvendo médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais, para abordar o paciente de forma holística (Matsumoto, 2014).

Um dos principais focos dos CP é o alívio da dor e do sofrimento, conceitos distintos, mas frequentemente interligados. Enquanto a dor pode ser tratada com medicamentos, o sofrimento demanda uma abordagem humanizada e centrada na individualidade do paciente,



como enfatiza Pessini (2006), que destaca o papel do cuidado no enfrentamento das vulnerabilidades.

A implementação dos CP nos hospitais exige uma estrutura que integre diversas dimensões do cuidado. Isso inclui a comunicação clara e empática com pacientes e familiares, garantindo que todos compreendam o processo de decisão e possam participar ativamente das escolhas relativas ao tratamento (Matsumoto, 2014).

No Brasil, a introdução dos CP ocorreu de maneira mais formal a partir dos anos 1990, com a criação de serviços pioneiros, como o do Instituto Nacional do Câncer (INCA) e do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo (ANCP, 2012). Apesar disso, sua difusão ainda enfrenta desafios relacionados à formação de profissionais e à ausência de regulamentações abrangentes.

O estigma de que os CP estão associados apenas à terminalidade persiste em muitos contextos hospitalares. Contudo, o entendimento contemporâneo reconhece que esses cuidados devem ser ofertados precocemente, proporcionando suporte contínuo e integrado desde o diagnóstico até o luto (Matsumoto, 2014).

Para que os CP sejam eficazes, é fundamental que sejam incorporados aos protocolos hospitalares e que haja capacitação adequada dos profissionais envolvidos. Isso inclui o manejo correto de medicamentos, o controle de sintomas e o desenvolvimento de habilidades comunicativas para lidar com situações sensíveis e complexas (Ferris, 2011).

No âmbito hospitalar, a atenção paliativa também deve considerar a criação de espaços especializados, como enfermarias exclusivas para CP, que permitam um atendimento mais focado e humanizado. Essas unidades podem facilitar a organização de equipes multidisciplinares e promover uma assistência mais eficaz e alinhada às necessidades dos pacientes (ANCP, 2012).

Por fim, a expansão dos CP no ambiente hospitalar requer um compromisso institucional e políticas públicas que garantam o acesso universal a esses serviços. A integração com a atenção básica e outros níveis de assistência pode assegurar que os pacientes recebam um cuidado integral, respeitando suas escolhas e garantindo uma abordagem centrada na dignidade humana (Lobato, 2014).



Aspectos Históricos do Cuidado Paliativo

A prática dos cuidados paliativos (CP) tem raízes profundas na cultura do cuidado e hospitalidade, remontando à Idade Média. Durante esse período, mosteiros acolhiam doentes e pessoas vulneráveis em hospícios, lugares destinados mais ao alívio do sofrimento do que à busca pela cura. Essa filosofia inicial de cuidado, pautada na proteção e conforto, estabeleceu as bases para o que viria a ser os CP modernos (Matsumoto, 2014).

O marco inicial dos CP modernos ocorreu na década de 1960, com a atuação visionária de Dame Cicely Saunders, que fundou, em 1967, o St. Christopher's Hospice em Londres. Este foi o primeiro espaço a oferecer cuidados não apenas aos doentes em fase terminal, mas também suporte emocional e espiritual aos familiares, associando assistência prática ao desenvolvimento de ensino e pesquisa na área (Pessini, 2006).

Nos anos 1970, a psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross foi responsável por levar o movimento hospice aos Estados Unidos, ampliando o alcance dos CP. Em Connecticut, foi fundado um dos primeiros hospices no país, que logo se tornou um modelo para outros serviços semelhantes ao redor do mundo. Kübler-Ross também contribuiu significativamente para a disseminação dos CP através de suas publicações e palestras (Afonso; Minayo, 2013).

Ainda conforme Matsumoto (2014), a década de 1980 trouxe avanços importantes para a consolidação dos CP. Em 1982, o Comitê de Câncer da Associação Médica Mundial iniciou o programa *Cancer Pain and Palliative Care*, que definiu diretrizes globais para o alívio da dor e o cuidado a pacientes com câncer. Documentos como *Cancer Pain Relief and Palliative Care* ajudaram a estabelecer a prática como um componente essencial da medicina.

O termo “cuidados paliativos”, lembra Oliveira (2019), foi oficialmente adotado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1990, substituindo “hospice” devido às dificuldades de tradução do termo em diversas línguas. A definição inicial dos CP focava em pacientes com câncer, estabelecendo princípios que enfatizavam o cuidado integral, a antecipação das necessidades e o alívio do sofrimento, seja ele físico, emocional, social ou espiritual.

Nos anos 2000, a OMS revisou e ampliou o conceito de CP para incluir outras doenças além do câncer, como AIDS, doenças cardíacas, renais e neurológicas. Essa expansão reflete o entendimento crescente de que os CP são uma abordagem multidisciplinar voltada para melhorar a qualidade de vida de qualquer pessoa que enfrente uma doença que ameaça a vida (Lobato, 2014).



Em 2004, prossegue o mesmo autor, a OMS reafirmou a importância dos CP como parte integral da atenção à saúde com a publicação de *The Solid Facts - Palliative Care*. Este documento destacou a necessidade de programas que incluam o cuidado de pacientes com doenças crônicas, especialmente idosos, promovendo uma abordagem mais abrangente e inclusiva.

Nos últimos anos, os CP passaram a ser reconhecidos como uma estratégia que deve ser integrada precocemente ao tratamento ativo de doenças. A International Association for Hospice and Palliative Care (IAHPC) publicou, em 2017, uma definição global que destaca o cuidado holístico ativo para pacientes de todas as idades e enfatiza a importância do suporte a familiares e cuidadores (Lima *et al.*, 2017).

A OMS, prosseguem os mesmos autores, atualizou novamente o conceito de CP em 2018, reiterando sua importância na detecção precoce de sintomas, no alívio da dor e no suporte emocional. Além disso, a organização destacou que os CP não substituem os cuidados curativos, mas complementam esses esforços, garantindo um manejo mais humanizado e eficaz.

A evolução dos CP também revelou a necessidade de transitar entre a tecnologia médica avançada e a dimensão humana do cuidado. Esse equilíbrio é essencial para garantir que as decisões de tratamento considerem tanto as chances realistas de recuperação quanto o controle de sintomas em pacientes sem possibilidade de cura (Oliveira, 2022).

Além de tratar a dor física, informa a mesma autora (Oliveira, 2022), os CP abordam questões psíquicas, sociais e espirituais, entendendo o paciente como um ser integral. Essa filosofia, consolidada nas últimas décadas, rompe com o paradigma exclusivamente curativo da medicina tradicional, promovendo a dignidade na vida e na morte.

Apesar dos avanços, ainda há desafios significativos para a implementação global dos CP. Países como o Brasil enfrentam limitações relacionadas à formação profissional, ao acesso a medicamentos e à integração desses cuidados nos sistemas de saúde. O Brasil, por exemplo, está classificado no nível 3a de desenvolvimento em CP, o que indica provisão isolada de serviços (Mendes *et al.*, 2017).

No contexto brasileiro, a Política Nacional de Prevenção e Controle do Câncer (PNPCC) tem incentivado a implementação dos CP como parte de uma abordagem mais ampla e humanizada. Além disso, iniciativas como o Manual de Cuidados Paliativos da Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP) têm contribuído para a estruturação de serviços específicos e para a formação de equipes capacitadas (Mendes *et al.*, 2017).



Modelos variados de CP estão sendo desenvolvidos, desde serviços ambulatoriais especializados até assistência domiciliar e unidades específicas, como *hospices*. Cada modalidade tem como objetivo oferecer suporte personalizado e respeitar as preferências dos pacientes, promovendo uma rede integrada de cuidado (Castilho; Silva; Pinto, 2021).

A história dos CP demonstra uma trajetória de amadurecimento e expansão, de práticas de caridade em mosteiros medievais à integração em sistemas de saúde modernos. Contudo, ainda há um longo caminho para garantir que todos os pacientes tenham acesso a esses cuidados, com dignidade e respeito, em todas as fases de suas vidas (Mendes *et al.*, 2017).

Cuidados Paliativos no Mundo

Os cuidados paliativos, afirmam Connor *et al.* (2020), têm ganhado crescente atenção global como uma abordagem essencial para melhorar a qualidade de vida de pacientes com condições críticas ou que ameaçam a vida. Em 2014, o *Global Atlas of Palliative Care at the End of Life* reforçou a necessidade de CP em diversas situações, enfatizando a importância de intervenções precoces, mesmo antes da fase terminal, para maximizar os benefícios aos pacientes e seus cuidadores.

O aumento da demanda por CP é impulsionado por fatores como o envelhecimento populacional e a crescente prevalência de doenças crônicas, incluindo câncer e outras condições não transmissíveis. Dados indicam que, até 2060, a necessidade de CP dobrará, com projeções de mais de um bilhão de idosos no mundo até 2030, especialmente em países em desenvolvimento, que enfrentam maiores desafios na implementação de serviços especializados (Connor *et al.*, 2020).

Apesar da alta demanda, o acesso aos CP é extremamente limitado. Mais de 100 milhões de pessoas necessitam de cuidados paliativos anualmente, mas apenas 8% recebem esse atendimento, o que evidencia disparidades significativas entre regiões e sistemas de saúde. Países da América do Norte, Europa e Austrália apresentam níveis avançados de desenvolvimento na área, enquanto outros, como Afeganistão e Líbia, ainda não possuem serviços de CP organizados (Connor *et al.*, 2020).

Na América Latina, o cenário é desafiador, com uma média de apenas 2,6 equipes de CP por milhão de habitantes, insuficiente para atender à crescente demanda. Embora países como o Uruguai tenham se destacado, ocupando posições de liderança na região, outros, como



o Brasil, enfrentam dificuldades em superar o modelo biomédico e integrar os CP de forma ampla e acessível (Pastrana *et al.*, 2021).

A atual demanda não atendida por CP ressalta a necessidade de uma mudança no paradigma do cuidado em saúde. Muitos sistemas continuam focados em prolongar a vida, muitas vezes ignorando a qualidade de vida do paciente. A inclusão efetiva dos CP nos sistemas de saúde globais é essencial para garantir que os pacientes vivam e morram com dignidade, alinhando a prática médica às necessidades reais das populações (Oliveira, 2022).

Cuidados Paliativos no Brasil

Os cuidados paliativos (CP) no Brasil têm uma trajetória marcada por desafios e avanços, especialmente diante do envelhecimento populacional e do aumento de doenças crônicas que prolongam a vida, mas frequentemente exigem cuidados específicos. Essa realidade tem impactado diretamente o Sistema Único de Saúde (SUS), que lida com pacientes que, muitas vezes, não são elegíveis para tratamentos curativos, mas necessitam de atenção integral para alívio do sofrimento (Oliveira, 2022).

A discussão sobre CP no Brasil começou a ganhar espaço na década de 1970, com iniciativas isoladas. Contudo, foi apenas nos anos 1990 que os primeiros serviços organizados começaram a surgir, ainda de forma experimental. Em 1997, a psicóloga Ana Georgia de Melo fundou a Associação Brasileira de Cuidados Paliativos (ABCP), promovendo a filosofia paliativista no país por meio de formação profissional, assistência e pesquisa (Castilho; Silva; Pinto, 2021).

A criação da Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP) em 2005 representou um marco para a organização dos CP no Brasil. Composta majoritariamente por médicos, a ANCP lidera discussões sobre o fim da vida, regulamenta práticas e define padrões de qualidade para os serviços de CP, integrando profissionais de diversas áreas da saúde (ANCP, 2019).

Veja-se, a seguir, uma linha do tempo dos CP no Brasil:

Figura 1. Linha do tempo dos cuidados paliativos no Brasil.



Fonte: Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/perspectivas-da-academia-nacional-de-cuidados-paliativos/200462091> Acesso em 03 de dez. 2024.

A regulamentação das práticas de CP começou a tomar forma com a Portaria nº 2.439, de 2005, que instituiu a Política Nacional de Oncologia, incluindo os CP como parte do cuidado integral ao paciente com câncer. Posteriormente, a Portaria nº 140, de 2014, organizou a rede de atenção às pessoas com doenças crônicas, estruturando o atendimento em níveis, desde a atenção básica até centros especializados (Schaeffer, 2020).

Um avanço significativo ocorreu com a Resolução nº 41, de 2018, que estabeleceu diretrizes para integrar os CP às políticas públicas de saúde. Essa resolução reconhece a autonomia do paciente em suas escolhas e promove o acesso aos cuidados continuados integrados, sem limitar as práticas à atenção domiciliar. Além disso, incentiva a descentralização do cuidado, permitindo que pacientes recebam assistência em diferentes níveis da rede pública (Schaeffer, 2020).

Apesar desses avanços, o acesso aos CP no Brasil ainda é desigual. Estudos mostram que a maioria dos serviços está concentrada na região Sudeste, com destaque para São Paulo, enquanto o Norte do país apresenta uma oferta limitada. Além disso, o modelo predominante de atendimento é ambulatorial, com foco em adultos e idosos, financiado principalmente pelo setor público (ANCP, 2019).

A necessidade de expandir os CP no Brasil é evidente, considerando que, proporcionalmente, deveria haver um serviço para cada 1,33 milhão de usuários do SUS. No entanto, a realidade aponta para um déficit significativo, causado por barreiras como as



dimensões continentais do país, desigualdades socioeconômicas e formação profissional inadequada (Oliveira, 2022).

A Portaria nº 1.319, de 2002, e a Portaria nº 963, de 2013, redefiniram a atenção domiciliar no SUS, incluindo os CP como critério de elegibilidade para admissão em equipes multiprofissionais. Essas iniciativas destacam a importância de integrar os CP a diferentes modalidades de assistência, promovendo cuidados humanizados e contínuos (Oliveira, 2022).

Ainda conforme Oliveira (2022), outras legislações relevantes, como a Portaria nº 3.150, de 2006, e a Portaria nº 483, de 2014, reforçam a organização da rede de CP no âmbito do SUS. Essas normas estabelecem critérios para admissão e alta, além de diretrizes terapêuticas para o manejo da dor e outros sintomas incapacitantes, essenciais para a qualidade de vida dos pacientes (Brasil, 2006; 2014).

Conforme Schaefer (2020), a falta de regulamentação específica e a resistência ao paradigma paliativista são desafios que ainda precisam ser superados. Muitos profissionais de saúde têm dificuldade em adotar práticas de CP, devido à formação focada no modelo curativo e à ausência de suporte adequado nos níveis básicos de atenção.

Estados como Goiás têm se destacado pela regulamentação pioneira de políticas estaduais de CP, mostrando que a descentralização pode ser um caminho eficaz para ampliar o alcance desses serviços. Ainda assim, a regulamentação federal permanece crucial para garantir uniformidade e equidade no acesso aos CP em todo o país (Schaefer, 2020).

O principal mérito das iniciativas legislativas, informa Oliveira (2022), está em reconhecer as transformações epidemiológicas e biotecnológicas que impactam o processo de morrer. As políticas públicas de CP buscam garantir dignidade aos pacientes e oferecer suporte às famílias, alinhando-se aos princípios do SUS de universalidade e integralidade.

Apesar das limitações, os CP no Brasil têm avançado em termos de estruturação e organização. A integração desses cuidados às redes de atenção à saúde representa um passo importante para garantir que pacientes com doenças crônicas e terminais recebam assistência adequada e humanizada (Mendes *et al.*, 2017).

O fortalecimento dos CP no Brasil depende de esforços conjuntos para superar as desigualdades regionais, capacitar profissionais e expandir a oferta de serviços. Com políticas públicas bem estruturadas e apoio contínuo, é possível consolidar os CP como uma prática essencial para a saúde pública, promovendo qualidade de vida e respeito à autonomia do paciente em todas as fases da doença.



Feitas estas considerações, passa-se à metodologia do trabalho em questão.

METODOLOGIA

A presente pesquisa segue uma abordagem qualitativa, que se concentra em compreender os fenômenos a partir de seus contextos e significados, como enfatizado por Minayo (2004). Essa abordagem destaca-se por priorizar a análise interpretativa e detalhada das realidades sociais, valorizando a subjetividade e a profundidade dos fenômenos investigados. Diferente de métodos quantitativos, a pesquisa qualitativa busca construir conhecimento que vá além de números.

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão de literatura. De acordo com Minayo (2004), a revisão de literatura é uma técnica metodológica que objetiva identificar, analisar e sintetizar informações disponíveis sobre um tema específico. Essa estratégia permite organizar as contribuições teóricas e práticas acumuladas, fornecendo uma base sólida para discussões e intervenções futuras relacionadas ao objeto de estudo.

Os descritores utilizados para a busca de materiais foram: **PACIENTES AND CUIDADOS PALIATIVOS AND AMBIENTE HOSPITALAR**. A escolha desses termos justifica-se pela necessidade de explorar as interseções entre a prática da enfermagem e o manejo de pacientes no contexto dos cuidados paliativos em ambiente hospitalar.

Para a seleção dos materiais analisados, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão. Os critérios de inclusão abrangeram publicações realizadas entre 2021 e 2024, contendo os descritores nos títulos, resumos ou palavras-chave, além de artigos publicados em revistas científicas, teses, dissertações e materiais revisados por pares. Por outro lado, foram excluídas publicações limitadas a resumos, materiais pagos ou inacessíveis, documentos que não apresentassem os descritores estabelecidos.

A busca dos materiais foi realizada na plataforma de bases de dados *Google Scholar*. Essa ferramenta foi escolhida por sua abrangência e acessibilidade, características que permitem localizar uma ampla variedade de publicações científicas relacionadas ao tema em análise.

Inicialmente, descobriu-se, pela combinação dos descritores, 187 pesquisas. Aplicados, então, os critérios de inclusão e exclusão, reduziu-se tal número a 6, sobretudo quando se voltou, especificamente para a realidade dos cuidados paliativos no âmbito hospitalar.

As pesquisas retornadas foram:



Quadro 1. Pesquisas retornadas

ANO	AUTOR(ES)	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE
2021	KRAUSE, K. M. O. <i>Et al.</i>	Cuidados paliativos no ambiente hospitalar	Cuidados paliativos. Enfermagem. Educação.
2021	FERREIRA, L.	Cuidados paliativos em um ambiente hospitalar: relato de experiência	Paliatividade. Cuidados paliativos. Cuidar.
2022	REIS, G. G <i>Et al.</i>	Cuidados Paliativos no Contexto do Hospital Geral: Desafios do Cuidado Geral	Cuidados paliativos. Hospitais gerais. Profissionais da saúde. Saúde.
2022	MARQUES, V. G. <i>Et al.</i>	A equipe multiprofissional frente aos cuidados paliativos no ambiente hospitalar	
2023	BATISTA, P. C. <i>Et al.</i>	O papel da enfermagem no cuidado paliativo no Brasil	Cuidados paliativos. Cuidados palitativos na terminalidade da vida. Enfermagem.
2024	MORAES, A. C. <i>Et al.</i>	Percepção da Equipe de Enfermagem de Hospital Público sobre a Assistência Paliativa ao Paciente em Fase Terminal	Doença incurável. Paciente terminal.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Prossegue-se à discussão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo conduzido por Krause *et al.* (2021) analisa o nível de conhecimento sobre cuidados paliativos (CP) em um hospital, utilizando como base as definições da OMS, que destacam esses cuidados como fundamentais para a melhoria da qualidade de vida de pacientes com doenças que ameaçam a vida e seus familiares. A pesquisa utilizou entrevistas para identificar o entendimento de pacientes e familiares sobre o tema. O dado mais marcante revela que 100% dos entrevistados desconheciam o conceito de CP, evidenciando uma lacuna significativa na comunicação e no acesso à informação sobre essa abordagem. Além disso, o artigo aborda o impacto da humanização no cuidado, ressaltando a necessidade de práticas que considerem não apenas os sintomas físicos, mas também os aspectos emocionais e sociais.

O texto se relaciona à temática deste artigo pois se dá pela ênfase na educação em saúde e na implementação de práticas que integrem o cuidado humanizado como parte essencial do atendimento hospitalar. A ausência de conhecimento sobre CP por parte dos usuários do sistema de saúde reflete um desafio que vai além da prática clínica, abrangendo a gestão e a capacitação das equipes para proporcionar um cuidado mais integral. Nesse sentido, o artigo (Krause *et al.*, 2021) aponta para a urgência de políticas e estratégias institucionais que promovam a



disseminação da filosofia paliativa, possibilitando um atendimento que respeite a dignidade e a individualidade do paciente, mesmo em contextos de terminalidade.

Já o artigo de Ferreira (2021) destaca a complexidade da integração dos cuidados paliativos no ambiente hospitalar, explorando as dimensões emocional, espiritual e social do cuidado. O autor enfatiza que a prática paliativa requer um enfoque multidisciplinar, que abrange desde o controle de sintomas até o suporte psicológico aos pacientes e familiares. Além disso, o estudo discute a importância de uma comunicação clara e eficaz entre os profissionais da saúde, o paciente e sua rede de apoio, destacando a relevância da empatia e do acolhimento para a eficácia do cuidado.

A contribuição do artigo para a temática em questão, qual seja a da enfermagem no ambiente hospitalar e o cuidado paliativo, reside na discussão sobre a formação e preparação das equipes para lidar com os desafios dessa prática. O autor salienta que muitos profissionais de saúde não possuem o treinamento necessário para atuar em contextos de terminalidade, o que pode levar a abordagens fragmentadas e inadequadas. O artigo propõe que os hospitais adotem programas de educação continuada e criem ambientes colaborativos, onde os profissionais possam compartilhar experiências e aprimorar suas competências. Dessa forma, a pesquisa reforça a necessidade de uma abordagem integrada, que vá além do controle de sintomas, proporcionando um cuidado centrado no paciente e alinhado aos princípios da humanização.

Quanto ao trabalho de Reis *et al.* (2022), este apresenta uma análise etnográfica das dinâmicas institucionais e relacionais que impactam o cuidado integral no contexto hospitalar, com foco nos cuidados paliativos. O artigo investiga como a rotina hospitalar pode dificultar a implementação de práticas paliativas, destacando barreiras como a falta de compreensão do conceito entre os profissionais e a ausência de suporte institucional. Além disso, o estudo aborda a interação entre profissionais de saúde, pacientes e familiares, ressaltando a importância do acolhimento e da comunicação para superar desafios emocionais e logísticos.

A relevância do artigo para os cuidados paliativos no ambiente hospitalar está na forma como evidencia os desafios sistêmicos enfrentados pelas equipes de saúde. A pesquisa destaca que a falta de suporte adequado muitas vezes impede que os profissionais ofereçam um cuidado integral e humanizado. Além disso, o estudo chama atenção para a necessidade de repensar as práticas institucionais, propondo que os hospitais invistam em estruturas de apoio que integrem os CP ao cotidiano hospitalar. Ao enfatizar a centralidade do paciente e a importância de uma



comunicação eficaz, o artigo contribui para o desenvolvimento de políticas e estratégias que promovam um cuidado mais eficiente e empático.

O estudo de Marques *et al.* (2022) examina a importância da equipe multiprofissional nos cuidados paliativos, especialmente em ambientes hospitalares. A pesquisa, baseada em uma revisão integrativa, destaca como a colaboração entre médicos, enfermeiros, psicólogos e outros profissionais pode melhorar significativamente a qualidade do cuidado oferecido. Além disso, o artigo identifica barreiras na implementação dessa abordagem, como a resistência cultural, a falta de formação adequada e as limitações institucionais.

O trabalho se relaciona ao presente artigo pois se aprofundada na análise das barreiras e soluções para a integração desses cuidados no dia a dia das instituições de saúde. O artigo argumenta que a fragmentação das práticas de cuidado é um dos principais desafios, propondo que a formação contínua e a sensibilização dos profissionais são essenciais para superar essa limitação. Marques *et al.* também destacam a necessidade de uma liderança institucional que priorize os CP como parte fundamental do atendimento hospitalar. Assim, a pesquisa reforça a ideia de que a implementação efetiva de cuidados paliativos depende não apenas de recursos técnicos, mas também de mudanças estruturais e culturais dentro das instituições de saúde.

O trabalho de Batista *et al.* (2023) discute os desafios éticos e emocionais dos cuidados paliativos no contexto hospitalar, com ênfase na formação dos profissionais de saúde. O estudo aponta que a formação tradicional em saúde, muitas vezes, não prepara adequadamente os profissionais para lidar com a terminalidade, o luto e as complexidades emocionais do cuidado paliativo. Além disso, o artigo destaca a importância da ética e da sensibilidade no manejo de situações delicadas, argumentando que o cuidado vai além da técnica e requer uma abordagem humanizada e reflexiva.

A relevância do artigo, ressalta-se, reside na crítica ao modelo biomédico predominante, que frequentemente ignora as dimensões emocionais e sociais do cuidado. O texto de Barista *et al.* (2023) propõe uma reformulação no treinamento de profissionais de saúde, enfatizando a necessidade de programas educativos que abordem temas como comunicação empática, gestão de conflitos e suporte emocional. Ao destacar a importância de um cuidado holístico, Batista *et al.* oferecem uma contribuição valiosa para a discussão sobre como integrar os CP de maneira mais efetiva e humanizada no ambiente hospitalar.

Por fim, Moraes *et al.* (2024) exploram a organização dos cuidados paliativos em hospitais, abordando a importância de protocolos claros e equipes multidisciplinares para



oferecer um cuidado abrangente. O seu artigo analisa como políticas públicas e iniciativas institucionais podem melhorar a prestação de cuidados paliativos, apresentando estudos de caso que ilustram boas práticas e os desafios enfrentados por profissionais da área. Além disso, o texto destaca a relevância de integrar os CP às rotinas hospitalares como uma estratégia para garantir a qualidade do atendimento.

No que diz respeito aos cuidados paliativos hospitalares é evidente na ênfase do artigo à necessidade de infraestrutura adequada e treinamento específico para as equipes de saúde. O texto sugere que, para superar as barreiras existentes, é essencial que os hospitais adotem políticas claras e protocolos padronizados que facilitem a integração dos CP ao sistema de saúde. Moraes et al. também destacam o papel das políticas públicas na ampliação do acesso a esses cuidados, argumentando que a criação de programas específicos pode transformar a forma como os CP são oferecidos nos hospitais brasileiros.

CONCLUSÃO

Este estudo reafirma a relevância dos cuidados paliativos (CP) no ambiente hospitalar, destacando a centralidade da enfermagem na prestação de assistência integral e humanizada. A revisão de literatura permitiu identificar os principais desafios enfrentados na implementação desses cuidados, incluindo lacunas na formação profissional, barreiras culturais e limitações institucionais. Além disso, evidenciou-se a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, pautada em protocolos claros e políticas públicas que promovam a integração dos CP às redes de saúde. O papel do enfermeiro se mostrou essencial não apenas no manejo clínico, mas também no suporte emocional, social e espiritual aos pacientes e suas famílias, garantindo a dignidade em todas as etapas do cuidado.

Os resultados apontam para a urgência de avanços nas práticas hospitalares, especialmente no que tange à capacitação das equipes e à sensibilização para a importância dos CP. Recomenda-se a ampliação de iniciativas educacionais que preparem os profissionais de saúde para lidar com a terminalidade e o sofrimento, além da implementação de políticas que garantam acesso equitativo a esses serviços. Este trabalho contribui para a discussão sobre a humanização no ambiente hospitalar e reforça a importância de estratégias que coloquem o paciente no centro do cuidado. Assim, espera-se que esta pesquisa sirva de base para futuras investigações e intervenções que visem aprimorar a qualidade dos CP no Brasil, fortalecendo a atuação da enfermagem como pilar fundamental nesse contexto.



REFERÊNCIAS

AFONSO, S. B. C.; MINAYO, M. C. S. Uma releitura da obra de Elisabeth Kübler-Ross. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2729-2732, 2013.

ANCP (Academia Nacional de Cuidados Paliativos). **Critérios de qualidade para os cuidados paliativos no Brasil**. Rio de Janeiro: Diagraphic, 2012.

BATISTA, P. C. *Et al.* O papel da enfermagem no cuidado paliativo no Brasil. **Revista Foco**, v. 16, n. 6, 2023.

CASTILHO, R. K.; SILVA, V. C. S.; PINTO, C. S. **Manual de cuidados paliativos da Academia Nacional de Cuidados Paliativos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2021.

CONNOR, S. R. *Et al.* **Global atlas of palliative care at the end of life**. 2. ed. London, 2020.

FERRIS, F. F. A model to guide patient and family care: based on nationally accepted principles and norms of practice. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 24, n. 2, p. 106-123, 2011.

KRAUSE, K. M. O. *Et al* Cuidados paliativos no ambiente hospitalar. **Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão**. UNICRUZ, 2021.

LIMA, L. *Et al.* International association for hospice and palliative care position statement: euthanasia and physician-assisted suicide. **Journal of palliative medicine**, Larchmont, v. 20, n. 1, p. 8-14, 2017.

LOBATO, M. S. R. S. **O papel do profissional da Atenção Primária à Saúde em cuidados Paliativos**. Rio de Janeiro, 2014.

MARQUES, V. G. A equipe multiprofissional frente aos cuidados paliativos no ambiente hospitalar. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2022.

MATSUMOTO, D. Y. Cuidados Paliativos: conceito, fundamentos e princípios. In: CARVALHO, R. T.; PARSONS, H. A. (Org.) **Manual de Cuidados Paliativos**. São Paulo: Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), 2012.

MENDES, E. C. *Et al.* **Cuidados paliativos e câncer: uma questão de direitos humanos, saúde e cidadania**. 2017. Tese 266 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORAES, A. C. *Et al.* Percepção da Equipe de Enfermagem de Hospital Público sobre a Assistência Paliativa ao Paciente em Fase Terminal. **Pleaide**, v. 18, n. 42, 2024.



OLIVEIRA, S. S. **Práticas de Equipe da Unidade Hospitalar Relacionadas ao Processo de Transição dos Cuidados Paliativos à Pessoa Idosa do Ambiente Hospitalar para o Domicílio.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2022.

PASTRANA, T. *Et al.* **Atlas de cuidados paliativos de Latinoamérica.** Houston: IAHPC, 2021.

PESSINI, L. Nuevas perspectivas en cuidados paliativos. **Programa de bioética de la organización panamericana de la salud / organización mundial de la salud.** (Org.) Acta Bioethica. Santiago del Chile: OPS/OMS, 2006. p.231-42.

REIS, G. G. *Et al.* Cuidados Paliativos no Contexto do Hospital Geral: Desafios do Cuidado Geral. **Revista Subjetividade**, v. 22, n. 1, 2022.

SCHAEFER, F. A importância da implantação dos cuidados paliativos no Sistema Único de Saúde. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 26-50, 2020.

ZACK, B. T. MACHINESKI, G. G. Atuação da Equipe de Atenção Primária no Cuidado Paliativo. **Cuadernos de Educación**, v. 16, n. 9, 2024.